

A LIBERDADE E O TRABALHO.

POR

GRACILIANO A. P. PIMENTEL

BACHAREL EM DIREITO.

Sine clade victor.

VICTORIA.

Typ. do—JORNAL DA VICTORIA.

1866.



A LIBERDADE E O TRABALHO.

POR

GRACILIANO A. P. PIRENTELL

BACHAREL EM DIREITO.

Sine clade victor.



Typ. do—JORNAL DA VICTORIA.

1866.

v
341.2721
7644
2t
1866

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 3320

do ano de 1974

ERRATAS MAIS NOTAVEIS.

Pagina 16—linha 29—em lugar de—concantena—leia-se—concatena.

Pag. 33—linha 2—em lugar de—nada conheço—leia-se—nada conhecemos.

Pag. 52—linha 17—em lugar de—não podia expandir—leia-se—não podiam expandir.

Pag. 67—linha 9—em lugar de—assim o brilho—leia-se—assim como, que o brilho.

—Alem d'estes erros alguns outros orthographicos escaparam, que podem ser facilmente observados.

AO ILLM. E EXM. SR. DR. ALEXANDRE RODRIGUES DA
SILVA CHAVES, EX-PRESIDENTE DAS PROVINCIAS DE
SERGIPE E SANTA CATHARINA E ACTUAL PRESIDENTE
DA PROVINCIA DO ESPIRITO-SANTO.

MEU RESPEITAVEL AMIGO

Tomo a liberdade de offerecer a V. Ex. este im-
perfeito trabalho.

Dois motivos a isto me impelliram.

O primeiro é o reconhecimento.

V. Ex. sabe si este motivo é ou não fundado.
Não procurarei desenvolvê-lo, porque desconfio da
sinceridade dos sentimentos que se revelam por
manifestações estrepitosas. A gratidão tambem tem
o seu pudor. O ouro puro occulta-se no fundo da
terra.

O outro motivo é que ahi se falla de liberdade
e de povo.

Para mim, que conheço V. Ex. de perto e que tenho sido honrado com sua amizade e confiança, não é problematico que estas palavras teem em seu coração um echo poderoso. Sei que a liberdade conta em V. Ex. mais um apostolo esforçado e esclarecido, e que o povo tem-se habituado, pelos precedentes de V. Ex., á confiar na sua illustração, e na justiça, que constitue um dos mais bellos ornamentos do seu character, como em solidas garantias dos seus direitos.

Não lisongeio. Não chegou ainda o momento, e creio que nunca chegará, em que eu tenha de trocar a independencia do meu espirito e a espontaneidade dos meus sentimentos contra a cynica hypocrisia do bajulador. Na minha vida publica, apenas de pouco mais de tres annos, tenho factos que comprovam esta verdade. O vento da perseguição a mais atroz, soprando do lado de orgulhosos potentados, que pretendiam trancar-me as portas do futuro, nunca me fez curvar a cabeça e pedir—misericordia—quando eu podia desvia-lo com uma palavra de humilhação.

Para outros serão talvez obscuras estas palavras; para V. Ex. tenho certeza de que o não são.

Acceite, pois, V. Ex. este pequeno trabalho, não pelo que elle vale, mas como homenagem fraca á seus talentos e aos principios liberaes á que V. Ex. tem consagrado sua vida; e, sobretudo, como ma-

nifestação de um reconhecimento ao qual só ha
comparaveis em meu coração a amizade e a esti-
ma que á V. Ex. tributo.

Sou de V. Ex. amigo since-
ro e collega obrigadissimo

Graellano Aristides do Prado Pimentel.

Victoria 10 de Maio de 1866₂₄

ADVERTENCIA .

As palavras que ahi vão impressas forão lançadas ao papel em momentos de *spleen* e por mero desenfado; não teem pretensões ao rigor de exactidão historica, nem á profundeza de principios scientificos. Devem ser, portanto, julgadas sob este ponto de vista.

Todavia como no desenvolvimento do assumpto tive de tocar accidentalmente em materias religiosas, julgo conveniente observar de antemão, que catholico, apostolico e romano, como fui, sou e espero em Deos que hei de continuar a ser, desde já considero como não escripto o que ahi fôr, por pessoas competentes, julgado opposto á pura orthodoxia.

G. P.

5



À LIBERDADE E O TRABALHO.

I

*Le sort des nations comme une mer profonde
A ses écueils cachés et ses gouffres mouvants.
Aveugle qui ne voit, dans les destins du monde,
Que le combat des flots sous la lutte des vents.*

VICTOR HUGO,

Não temos em vista fazer um estudo sobre a liberdade do trabalho. Deixaremos de parte este assumpto, que tem sido objecto das lucubrações de tantos philosophos e economistas, e procuraremos sómente mostrar, argumentando com os factos e com o espirito da história, que o trabalho, em sua acceção economica, isto é, considerado como applicação da actividade do homem aos objectos da natureza, para delles extrahir a satisfação das suas necessidades, foi sempre o precursor da liberdade.

A historia tem sido até hoje encarada por duas faces : a primeira apresenta-a como uma narração chronologica de factos, e então se nos desenha um cahos, um conjuncto informe de elementos heterogeneos, como o pantheon romano habitado pelos deoses de todo o mundo conhecido ; ahi parecem atropellar-se os bons e os máos principios, a luz e as trevas, as premissas sem consequencias e as consequencias sem premissas, e o homem, arremessado como um automato no meio de todos os ventos encontrados, se nos representa o brinco inconsciente do acaso, o santelmo que vagueia perdido no espaço, o juguete da cega fatalidade que o impelle e que o retrahe, a vaga que se ergue de subito no meio do oceano e se abaixa sem deixar vestigios da sua passagem: a outra face da historia, em cuja contemplação o observador se extasia, como o peregrino em um oasis no deserto, é aquella que illuminada pelo phanal brilhante da philosophia nos representa a vida da humanidade como uma cadeia, que, compondo-se de elos inseparaveis, parte do ponto em que a crença universal collocou o principio do tempo, e vem terminar n'aquelle em que se acha o espectador ; como um immenso sorites em que as deducções dimanam das deducções, até irem perder-se em um principio eterno, fixo e luminoso, que se denomina—Providencia.

E' a historia como a escreveram os historiadores modernos, que nobilitando o homem e erguendo-o a altura de perpetuo cooperador da creação, o

proclamou agente predestinado da Divindade, incansavel romeiro de uma idéa vaga e indefinivel, mas brilhante e fascinadora, que se conhece com o nome de progresso; conquista magestosa do genio da Allemanha, esse grande laboratorio das grandes idéas, e cujas bases tinham sido assentadas por Vico e Montesquieu, nas suas immortaes obras—Sciencia Nova—e Espirito das Leis, eloquentemente definida por Quinet, n'estas palavras; « A historia em seu principio como em seu fim é o spectaculo da liberdade, o protesto do genero humano contra o mundo que o encadeia, o triumpho do infinito sobre o finito, o libertamento do espirito, o reinado da alma »; é a historia, finalmente que revolvendo as dobras do coração humano, e no seu estudo haurindo inspirações para descrever os phenomenos por que se revela a vida da humanidade, desenha sua phisionomia de uma maneira segura e caracteristica, não no que ella tem de ephemero, mudavel e accidental, mas no que encerra de intimo, perpetuo e essencial.

Pois bem; a sciencia moderna estabeleceu como um dos seus mais profundos e incontrastaveis collarios que a historia da humanidade é a historia do trabalho, e a historia do trabalho é a historia da liberdade.

II

Le travail est la loi du monde: sans lui rien ne peut naître ni durer. L'humanité courbée sous cette inexorable nécessité ne peut s'en affranchir complètement; il lui est permis seulement de chercher les combinaisons les plus favorables pour alléger sa chaîne.

LEOPOLD DURAS.

Esse grande rastilho de luz, tenuissimo e quasi imperceptivel por vezes, que a humanidade tem deixado em sua passagem átravez dos seculos, atesta-nos de um modo irrefragavel, que a liberdade, essa filha luminosa do céo, foi pouco á pouco conquistada por aquelles que menos pareciam tender para ella, pelos obreiros do trabalho rude, que adquirindo com um labor ingrato o sustento de umá existencia miseravel, cerravam os olhos á ante-manhã do futuro, guardando, apenas, cuidadosamente os lençoes humildes em que tinham de ser envoltos os seus cadaveres.

No entanto, profundeza insondavel dos decretos divinos! á estes homens, cujos espiritos abafava o acerbo cuidado do presente, foi confiada a missão de preparar o porvir!

Os historiadores antigos limitaram-se a descrever os grandes factos, que sacudindo as sociedades, como violentos terremotos, subvertiam em seus fundamentos as organizações politicas dos paizes;

professando o erro commum de que havia uma scisão natural e irremediavel entre duas classes de homens, então essencialmente extremados—os que gosavam e os que soffriam—occupavam-se apenas de mencionar os nomes d'esses, que a sorte ou a audacia tinha collocado na primeira classe, sem que se dessem ao cuidado de attribuir á esse monstro de mil pés—na phrase de Victor Hugo, á essa massa de objectos pensantes, que desdenhosamente chamavam—plebe—vulgo—outro papel que não fosse o de cifras que só serviam para augmentar o valor de algumas unidades; eram o escuro do quadro de glorias albeias, o pedestal em que se soerguiam os idolos mais ou menos frageis construidos por suas proprias mãos. Herodoto, Thucydedes, Tito Livio e Tacito escreveram a historia dos reis, dos chefes, dos dominadores; debalde procurareis, porem, nas innumeradas paginas que nos legaram uma só em que esteja registrado o nome de um homem do povo—« Até o presente, exclama Affonso Esquirós, tem-se escripto a historia dos reis, dos homens celebres, dos factos brilhantes, dos acontecimentos que elevaram a grandeza ou precipitaram a ruina das nações, das conquistas e dos factos militares; esqueceram a historia das multidões—Citaram os nomes dos generaes esqueceram essas maças heroicas e valentes que ganham as victorias—Fallaram dos chefes de escola, dos chefes de partido, dos reformadores politicos ou religiosos, esqueceram essa multidão obscura no seio da qual ferve a inspiração, esse cahos sobre o

qual é levado o espirito de Deus, e de onde sahem constantemente as creações do pensamento humano. »

O trabalho foi o redemptor providencial, que apagou essa linha de separação traçada pelo orgulho; está hoje demonstrado, que essa materia, essa coisa, que em sua estolida soberba os grandes antigos tratavam de populaça e multidão, e que nós hoje chamamos povo, tinha outra missão na terra a-lem de servir, soffrer e morrer. Não vêdes entumescer-se progressivamente nos seculos esse immenso oceano popular? é que elle incuba em seu seio os gigantescos destinos da humanidade.

Nós vos saudamos, semeadores da liberdade, nossos paes ignorados, nomes obscuros arrojados pela sorte no cadinho do esquecimento; vergados para a terra, regando com o suor de vossas frentes abrasadas as tenues plantas que continham vossa vida e a de vossas familias, preparaveis a colheita do progresso, e á noite ieis repousar os membros lassos nas choupanas grosseiras, sem pensardes que de envolta com a minguada ceifa, com que pretendieis prolongar os vossos tristes dias havia de nascer a arvore frondosa da liberdade.

III

Il y a des vérités que personne ne conteste, quoiqu'on n'en puisse fournir des preuves immédiates: la rébellion et la chute de l'esprit d'orgueil, la création du monde, le bonheur primitif et le péché de l'homme, sont au nombre de ces vérités.

CHATEAUBRIAND.

Aquelles que pretendem medir os mysterios eternos com o acanhado compasso da razão humana, vão encontrar uma injustiça revoltante n'essa pavorosa condemnação de que nos falla Moysés, infligida á toda a humanidade pelo crime do primeiro homem, seus corações se escandalisam ao espectáculo d'essa expiação colossal da culpa de um seu antepassado, que vivêo ha cincoenta e oito seculos e que se chamava Adão.

Deus nos livre de discutir materia tantas vezes disputada, tantas vezes exaurida pelos que sabem a sciencia do mundo, e pelos que sabem a sciencia do céu, na phrase de A. Herculano.

Para nós, que aceitamos sem reflexões as crenças dos nossos paes, e que humilhamo-nos em nossa ignorancia perante os altos arcanos das regiões inacessiveis sobrelevam-se duas ideias ineffaveis n'esse tenebroso drama do peccado original.

A primeira é a esperanza.

Extravase, embora, a taça da colera divina, tolde-se o horisonte de nuvens negras, e derrame-se em ondas no coração do homem o fel do dissabor, embora sua consciencia revolta o siga constantemente, como á Caim após o seu fraticidio, com esse olho fixo, affogueado e inevitavel, de que nos falla Victor Hugo em uma pagina admiravel da *Legenda dos Seculos*, e apresente-lhe sempre em face o espectro hediondo do seu crime; nada ou quasi nada estará perdido para elle si acima dessa taça de ira, d'essas ondas de fel, d'esse olhar de fogo, d'esse espectro medonho, elle vê scintillar na abobada azul do firmamento a luz viva e consoladora da estrellinha da esperanza.

E do trabalho nasceu a esperanza, porque, como em outro drama mais magestoso ainda representado depois de quatro mil annos, o instrumento do martyrio tinha de ser a cruz da redempção.

A segunda ideia é a solidariedade humana.

Desviem outros os olhos das paginas do Testamento antigo e cerrem os ouvidos ás palavras de Deus no Paraiso, no Horeb e no Sinai, desprendam o homem d'essa cadeia, que partindo da raiz da *arvore do bem e do mal* veio humectar-se no sangue do Calvariõ, convertam a humanidade em atomos agitados ao sopro da fatalidade, como as areias ao perpassar do simoun do deserto; á nós é licito extasiarmo-nos diante da ideia que concantena os homens pela semelhança do soffrimento, do anhele e do destino; que tornando solidaria a humanidade na grandeza da queda a faz tambem solidaria na

grandeza da reabilitação; apraz-nos pensar que não nascemos isolado no mundo, e que a nossa vida não é um momento perdido no tempo como o nosso corpo não é um ponto perdido no espaço; que no plano providencial temos relações no passado e no futuro, e que o primeiro homem que poz o pé sobre o globo, e o ultimo que o habitar, separados por milhares de annos, estão ligados pelo laço da fraternidade.

Estas idéias, ahí apenas esboçadas, serão posteriormente desenvolvidas.

Ha um livro eterno, immenso incomprehensivel que no dizer do eloquente Donoso Cortez, a humanidade lê ha quarenta seculos, todos os dias, todas as noites, á todas as horas e á todos os instantes, e ainda não acabou de lêr.

E' a Biblia.

Livro eterno, porque foi ditado pelo mesmo Deus; immenso porque encerra em si todos os conhecimentos possiveis; incomprehensivel porque apresenta-nos realizado o mysterio da luz a mais radiante combinada com as mais expessas trevas, porque reúne o finito ao infinito, o céo á terra e o Creador á creatura.

Existe, porem, n'este livro mysterioso uma passagem que faz estremecer de terror todo aquelle que revolver suas paginas sagradas; é essa em que o poeta inspirado extasia-se diante da aurora radiante da creação, e celebra em hymnos de uma concisão sublime o consorcio mystico da natureza e da Força Creadora.

A terra ha pouco vasia e núa veste-se da sua mais luxuosa vegetação; o rei dos astros suspenso, como uma immensa lampada, na cupola azulada do céo, derrama sobre ella os seus mais fulgidos raios, e o oceano balouçando-se pela primeira vez, sobre o seu immenso imperio do abysmo, parece espantar-se elle mesmo com o seu lugubre mugido; a atmospherá virgem d'aquella aurora fulgurante rescende ainda do perfume suave do primeiro e casto beijo nupcial, e o homem e a mulher com o prazer nos semblantes e a innocencia nos corações adiantam-se de mãos dadas com as frentes cingidas da aureola da intelligencia, para tomarem posse do reino opulento que lhes tinha destinado a munificencia do Creador.

E Deus satisfeito encara com prazer a sua obra e vê que tudo isto é bom.

E' então que no meio de todos estes fulgores que nos cercam e nos arrebatam a alma vemos de repente mudarem-se as scenas: as flôres cahem no chão fanadas e são substituidas por espinhos agudos, a terra torna-se arida e esteril, e a natureza inteira revolta-se contra o rei da creação; os animaes espavoridos fogem para antros inacessiveis, e o homem, antes mesmo de ter murmurado a primeira palavra de reconhecimento e adoração, é forçado a vergar afflicto a cabeça sob o peso do anathema que o fulmina: « A terra será maldita na tua obra, tú tirarás d'ella o teu sustento com muitas fadigas em todos os dias de tua vida. »

E elle foi para semp e expellido do Paraiso, em

cuja porta foi collocado um Querubim com uma espada de fogo e versátil, como eterno e inexoravel sentinella.

Ao reflectirmos á luz da nossa estreita philosophia sobre estas formidaveis palavras de maldição proferidas por um Deos irritado, e que, para dar a medida do seu transporte, o poeta sagrado figura arrependido de sua obra, uma exclamação pungente sobre a sorte da misera humanidade nos escapa involuntariamente dos labios: Caminha Ashaverus gigantesco, leva a tua condemnação aos extremos da terra; embalde subjugarás os mares, povoarás os continentes e levarás o poder do teu braço aos gelos intractaveis, embalde precurarás desprender-te da terra e perscrutar os arcanos que pairam sobre a tua cabeça, nunca poderás cancellar o anathema de fogo que Deos gravou na tua fronte, a terra produzirá sempre espinhos, os teus dias serão contados por dissabores, e quando com a fronte pendida pelo cansaço, e com a alma ralada pelas amarguras te deitares na escuridão do tumulo, os teus filhos passarão rindo sobre a tua campa e apagarão até o ultimo vestigio dos teus passos.

Estas palavras que poderiam ser produzidas por um negro scepticismo, á serem exactas em sua nudez severa, mergulhariam toda a humanidade no estúpido fatalismo indico—Geradas pela philosophia descrente, ellas são repellidas pela fé que faz da bondade divina um attributo inseparavel da justiça, e si exprimem uma ideia verdadeira, que

é essa condemnação infligida pelo crime de um só homem á toda a sua descendencia, encerram uma ideia falsa, e é essa que representa o Autor da natureza como um Deos de insaciavel vingança, regosijando-se eternamente no abysmo da sua omnipotencia com os tormentos d'esse immenso Prometheu.

Não; castigando, Deos conserva um resto de amor pela obra de suas mãos, o veneno vem acompanhado do antidoto, a chaga vem ao lado do balmamo, a justiça traz consigo a misericordia. Ao lado da necessidade Deus collocou o trabalho, do qual sahirá a regeneração da humanidade.

IV

Une génération doit passer entre le règne de l'esclavage et celui de la liberté. Cette génération sacrifiée, consumée, est dans les desseins de la Providence. Il faut une litière au renouvellement des idées.

ESQUIRÓS—LES MARTYRS DE LA LIBERTÉ.

Antes de procurarmos desenvolver as ideias é de mister entendermo-nos sobre as palavras que as exprimem.

Nem nas antigas theogonias dos povos barbaros com suas usanças mysteriosas e terrificas, com seus idolos sangui-sedentos de Thor, de Moloch e de

Saturno, nem n'esse naturalismo gigantesco e tenebroso em que repousa ainda o oriente em sua immobilitade secular, com seu culto hediondo de Janguernat, houve jámais algum ídolo, alguma representação grosseira da Divindade, em cujo altar se tenha derramado mais sangue, do que no d'essa ideia hallucinadora, que se denomina liberdade.

Quem poderá contar o numero de seus martyres, tão abundantes como as estrellas do céu, os grãos de areia na praia, e as gotas de agua do oceano?

Não ha, entretanto, ideia alguma sobre cuja definição e comprehensão os philosophos antigos e modernos estejam menos de accordo.

Si abriremos a historia e procurarmos estudar como os povos a tem comprehendido, a mesma confusão e incerteza hão de assaltar-nos o espirito.

Quaes foram as nações que se arrogaram o glorioso epitheto de livres? Foi Esparta, vasando-se no molde inventado pela imaginação de Lycurgo, e sahindo, depois de trituradas as leis as mais santas, da familia, da moral, e do pudor, um monstro, uma machina, em que cada homem era apenas uma mola mais ou menos docil ao movimento do mecanismo geral; onde sobre os destroços das individualidades abatidas, ergueo-se um unico ser vivo, rigido, absorvente, pantheista, que se chamava—a republica—; seria tudo, menos uma sociedade de seres que Deos creou pensantes e livres; foi Athenas condemnando Socrates á morte pela cicuta, porque, disse—o seu accusador Militus, corrompia a mocidade combatendo a religião de seus maiores,

isto é, o culto immundo de Priapo, de Venus, de Baccho, e de Cibele; e condemnando Aristides ao desterro pelo ostracismo, como perigoso ao Estado, porque se chamava o justo; foi Roma manchando sua corôa de louros nas crapulas e nas orgias, e dormindo o somno da devassidão ao tinir da gargalheira de Espartacus; foi a Inglaterra assassinando Carlos 1º, e deixando-se docilmente subjugar pelo braço de ferro de Cromwel; foi a França, finalmente, guilhotinando Luiz 16, e cahindo exhausta e submissa nos braços do soldado venturoso, que, na phrase de Eugenio Pelletan, caminhou para o throno sobre o corpo palpitante da republica.

Poderíamos multiplicar os exemplos, mas os enunciados são sufficientes para que possamos concluir, que a liberdade, em toda a sua plenitude magestosa, não pôde ser encontrada na historia; e basta um relancear da vista sobre o espectaculo actual do mundo, para adquirirmos a triste convicção de que nem mesmo a poderemos encontrar no presente.

A humanidade tem-se arrastado até hoje em uma angustiosa experiencia, cujo termo ninguem poderá prefixar, e o coração se nos confrange de dôr ao pensarmos, que essas grandes manchas rubras, que a historia nos aponta em seu sulco atravez dos seculos, são as cruces mortuarias, que assignalam os calvarios, onde foi derramado tanto sangue para a aquisição d'esse bem, sempre conquistado e sempre á conquistar, d'esse Protheu que desaparece apenas alcançado, deixando sómente nos espiritos a mais amarga desillusão.

Não se póde, porem, concluir d'ahi que a liberdade seja uma palavra sem sentido, uma concepção de espiritos desvairados. Ninguém póde dizer sem blasphemar, que esse instincto que nos impelle á converter em realidade o ideal, mais ou menos brilhante, que temos nos espiritos, e que nos leva muitas vezes á offerecer-lhe a vida em holocausto, é uma irrisão amarga atirada pelo Creator á nossa fraqueza.

A liberdade se erguerá ainda sobre a terra bella e magestosa, como entrou no plano do Ordenador dos mundos, do Supremo Architecto do Universo.

Quando? Ninguém poderá responder. Não será talvez nos nossos dias.

Não importa. Compete á nós, continuadores da obra dos nossos antepassados, trabalhar no arroteamento do campo em que ha de nascer a arvore do futuro, e talvez, em premio dos nossos esforços, consigamos saudar de longe a terra da promissão.

E' uma recompensa que paga as maiores fadigas: depois de quarenta annos de angustias no deserto, Deus não concedeu outra ao sublime legislador dos Hebreus.

Quanto ao obscuro escriptor d'estas linhas, não podendo fazer outra coisa, dirá apenas humilmente o modo por que concebe a liberdade, e os meios de realiza-la.

V

Ha um instimeto de felicidade, que levanta sua voz poderosa no seio dos povos, assim como impera em cada um homem. Esta expansão de magnanimidade, estas inspirações do heroismo, esta missão que faz apparecer nos mais soberbos theatros esses personagens, destinados á marcar um periodo nos fastos do genero humano, lanção igualmente na arena as differentes fracções da sociedade que instruidas por a reflexão, e estimuladas por sua propria dignidade conquistão com os mais duros sacrificios estas immuniidades legitimas sem as quaes serão nullas todas as suas regalias.

MONTE ALVÉRNE.

« Tres verdades diz Chateaubriand, formam a base do edificio social: a verdade religiosa, a verdade philosophica, a verdade politica.

A verdade religiosa é o conhecimento de um Deus unico manifestado por um culto.

A verdade philosophica é a triplice sciencia das coisas intellectuaes, moraes e naturaes.

A verdade politica é a ordem e a liberdade: a ordem é a soberania exercida pelo poder; a liberdade é o direito dos povos. »

Trataremos sómente desta ultima verdade, e principalmente da sua segunda parte, isto é, da liberdade.

Como os espiritos systematicos não iremos pedir a esta ou áquella forma de governo com exclusão de todas as mais. Monarchia, aristocracia e republica são palavras á que a moderna sciencia politica tem tirado o prestigio de que as circumdava a ignorancia, e que não encerram mais essas ideias salvadoras para uns, e esses horrorosos espantalhos para outros.

Para os antagonistas da monarchia, esta palavra queria dizer despotismo, escravidão: senhor e escravos, pastor e rebanho, eis em que se resumia para elles a realisação d'esse systema de governo, em que uma só vontade subjuga milhões de vontades, e que Luiz 14 insolentemente appellidava—*mon métier de roi*—minha profissão de rei.

Para os antagonistas da aristocracia esta palavra significava um despotismo mais horroroso do que o despotismo de um só, porque era repartido por muitos, sem uniformidade e responsabilidade no interior, e sem energia e força moral no exterior.

Para os adversarios da democracia isto queria dizer dissolução, anarchia; e resumia-se neste pensamento de Bossuet: « onde todos mandam ninguém obedece, onde todos governam ninguém é governado, onde todos são os senhores todos são escravos.»

E aquelles que manifestavam o horror o mais decidido á esta ou áquella fórma de governo, abraçavam-se com outra, como a unica salvadora das sociedades e garantidora dos direitos individuaes.

A historia vinha em apoio d'estas opiniões des-

encontradas. A turbulenta republica de Athenas, a Roma dos imperadores e a sanguinaria aristocracia de Veneza offereciam largas bases ás opiniões adversas á qualquer d'estes systemas.

Entendemos que isto é actualmente uma logomachia.

A questão da superioridade de uma fórma de governo sobre as outras foi affastada por inutil. Está demonstrado que não ha governo bom nem máo absolutamente fallando. A fórma de governo a mais bem combinada seria uma machina infernal nas mãos de perfidos agentes.

Os extremos se tocam. A maxima da eschola *corruptio optimi pessima*, diz o Sr. Senador Pimenta Bueno, nunca foi de uma exactidão mais rigorosa do que na sciencia governamental.

« A liberdade, diz também Chateaubriand, não existe exclusivamente na republica onde os publicistas dos dois ultimos seculos a tinham relegado, seguindo os publicistas antigos. As tres divisões do governo—monarchia—aristocracia—democracia—são puerilidades da eschola no que diz respeito ao goso da liberdade: a liberdade se póde achar em uma destas fórmulas de governo como pode ser d'ella excluida; não ha senão uma constituição real para todo Estado—liberdade, não importa o modo.»

A liberdade, como nós a comprehendemos, é um direito natural e imprescriptivel, que não póde ser conferido nem usurpado pelos governos. Tenue á principio, cercada e quasi asphyxiada pelas expensas trevas da ignorancia e da barbaria, ella con-

serva-se, alimenta-se, cresce no seio do povo, d'isso que antigamente se chamava massa governavel; e quando sôa a hora do seu apparecimento surge mais ou menos violentamente, conforme foi maior ou menor a resistencia que teve de vencer; é o volcão que arroja ao espaço as enormes pedras que lhe obstruam a cratera, é o rio que manso e inoffensivo, quando o terreno se presta ao seu curso, arremette em catadupas quando obstaculos naturaes parecem querer embargar-lhe o passo.

Uma nação só se póde considerar livre quando os individuos que a compoem, e, portanto, o corpo social tiverem chegado á consciencia de seu valor; mas chegando á este periodo a oppressão governamental cahe no dominio do impossivel, porque em frente de todo o aparelho de forças de que ella se costuma cercar eleva-se uma outra força superior, a unica das sociedades civilisadas, e que denomina-se-opinião publica-; essa força portentosa, que, no dizer de Benjamim Constant, ergue-se tendo contra si as baionêtas, e acaba por chamar as baionetas para seu lado.

O despotismo sempre perspicaz na apreciação de seus meios de conservação, comprehendendo perfeitamente este principio; e assim como um senhor, querendo converter um homem em um instrumento, não tem outro cuidado senão rebaixar o mais possivel a intelligencia e a consciencia do seu escravo, assim tambem o primeiro cuidado do despota é illudir a nação sobre o seu poder.

Por mais esforços e sacrificios que façam os homens para obter o gozo pleno e amplo da liberdade nunca abraçarão mais do que uma sombra enquanto ella não plantar suas raizes nos corações das sociedades; enquanto estas não obtiverem o conhecimento do que podem, do que devem e do que valem.

E este conhecimento só poderão obter pelo trabalho.

VI

O homem nasce para o trabalho e a ave para voar.

JOB. CAP. 5. v. 7.

Pela accepção em que tomâmos a liberdade vio-se bem, que esta ideia só é para nós uma realidade pratica quando vae fundar os seus dominios no foro das consciencias.

Elevação dos individuos ao conhecimento de si mesmos, ennobrecimento no seu proprio conceito, e, como repercussão necessaria, ennobrecimento no conceito dos seus concidadãos e do governo, eis para nós, em ultima analyse, o que significa ser livre.

A liberdade que dimana da fórma de governo póde desaparecer com ella em um arranco do despotismo; a liberdade que nasce do povo resiste aos embates das mais violentas tentativas.

Nicoláo 1º, dizendo a Madame de Stael, quando esta o comparava á uma constituição, que era apenas um accidente feliz para a prosperidade de seus povos, representava o symbolo do governo, e principalmente da tyrannia, reconhecendo a sua impotencia para fundar alguma coisa de solido e estavel em materia de liberdade.

Desconfiemos da liberdade que vem de cima. O povo é o agente do seu futuro ; é este o seu melhor titulo de gloria. Usurpar-lhe esta tarefa grandiosa, esta arca santa que Deus confiou ás suas mãos, é priva-lo da sua missão providencial. A tyrannia é mil vezes peor quando se cobre com o manto da liberdade.

E o que falta ao homem para realizar o seu destino si elle possui a alavanca do trabalho ?

Ha na Biblia duas passagens cheias de mysterio, em que o mesmo Deus parece aterrado d'esta força prodigiosa commettida á sua creatura. A primeira é aquella em que depois da formal transgressão do preceito divino, o Creador reflecte sobre o extraordinario poder que o homem creou pela liberdade.

Eis aqui, diz elle que, Adão está feito como um de nós sabendo o bem e o mal, tomemos cuidado agora em que não estenda a mão e não colha o fructo da vida e não viva eternamente.

« Que estranha situação, diz Esquirós commentando este facto, Deus que tem medo do homem. Não se deve perder de vista, que os antigos confundiam Deus com a natureza, com a criação.

A acção humana, rival da acção divina; o senhor da natureza aterrado, procurando collocar a eternidade como uma barreira, entre o espirito do homem e o seu espirito, entre os progressos da sciencia e sua rasão soberana: que abysmo ! »

A segunda passagem é essa luta magestosa de Deus e de Jacob nas trevas, quando o homem vencedor abraça o Deus vencido, e força-o á abençoal-o, embora um de seus membros tenha sido atrophiado no duello.

Despindo este facto da obscuridade da legenda, resta-nos a grandiosa representação d'essa luta travada desde o começo da humanidade entre o trabalho e as forças naturaes; é a natureza subjugada pelo homem, palpitante debaixo de suas mãos, pedindo-lhe misericordia; é o homem forçando a natureza á abençoal-o, isto é, arrancando-lhe do seio pelo trabalho o bem estar e a liberdade.

Deixa-me que já vem raiando o dia ! disse Deus a Jacob: isto quer dizer, a natureza tinha medo da luz que havia de extinguir o seu imperio, porque do trabalho havia de nascer a sciencia que é a luz, e a sciencia é congenita com a liberdade.

O trabalho é a lei universal.

N'esta immensa harmonia dos mundos arrojados por Deus ao espaço, e á que foi prescripta uma marcha eterna e invariavel, tudo se move, tudo se agita, tudo tem um circulo determinado de acção, que não é permittido ultrapassar. O Cosmos, povoado pelo Espirito do Creador faz o seu movimen-

to gigantesco, sem consciencia, obedecendo á leis que não são suas e que não póde derogar.

O homem não podia ser excluído da lei do movimento. E, notae os abysmos da Vontade Divina !, é esse quasi nada, esse verme da terra, esse microcosmo, que revela os mais esplendidos prodigios da Omnipotencia de Deos ; porque só á elle foi dado conhecer á si mesmo e ser espectador intelligente do drama do Universo, do qual as myriadas de mundos não são mais do que actores inconscientes.

O trabalho !

Esta palavra encerra uma ideia complexa ; exprime a synthese rigorosa de todas as dôres, de todos os soffrimentos da humanidade. Era justo que fosse tambem a fonte dos mais elevados prazeres.

Entrou sempre na sabedoria do plano da Divindade, extrahir o prazer do soffrimento, como pretendendo fazer resaltar da confrontação o apreço do beneficio.

D'ahi vem que os principios das duas grandes epochas da historia são assignalados por duas grandes expiações: a sociedade antiga começou pelo soffrimento de um homem—Adão ; a sociedade moderna começou pela agonia de um Deus—Jesus Christo ; Adão expiava o seu proprio crime, bastava para isto uma victima humana ; Jesus Christo expiava os crimes da humanidade, era necessaria uma victima divina ; Adão recebeu como instrumento da redempção o trabalho, o Filho de Deos o trabalho unido á Cruz.

E Jesus Christo não se dedignou de acceitar o triste legado do primeiro pai da humanidade. Foi por isto que o Filho de Deos se chamava de preferencia o Filho do Homem, e que o Martyr da Cruz nasceu da mulher de um carpinteiro.

O trabalho e a Cruz, eis os dois grandes marcos milliarios da humanidade.

Todas as religiões antigas e modernas, que a sciencia tem demonstrado serem reflexos desvaírados, mais ou menos frouxos, da religião judaica, a mais antiga de todas ellas, teem considerado o trabalho como uma expiação immensa de um immenso crime commettido em eras nebulosas.

E' por isto que mesmo n'aquellas theogonias, em que as paixões e os erros teem mais exercido sua acção corruptora, e em que a ideia do peccado original se acha quasi obliterada com o volver dos seculos, á classe dos homens do trabalho e principalmente dos agricultores está sempre apposto o sello da degradação e do aviltamento.

A religião indica collocando a classe agricola na ultima escala das classes sociaes a faz proceder dos pés de Brahma, como sendo destinada a supportar o peso de todas as outras: e se procurarmos um exemplo no passado veremos, que na religião druidica a agricultura, tolerada como necessaria, era, todavia considerada um sacrilegio, porque rasgando o seio da terra e levando o machado ao tronco do carvalho secular profanava a natureza, templo da Divindade.

Mas de tudo o que nos transmittio a historia á respeito das antigas religiões, nada conheço mais cheio de pavor e magestade do que essa condemnação atirada por Jehovah irritado sobre toda a humanidade, representada no primeiro homem : « Tú comerás o pão com o suor do teu rosto. »

Não devemos, porém, limitarmo-nos á examinar as apparencias.

Não queremos perscrutar arcanos da theologia. Para nós, que só encaramos o trabalho á luz da nossa fraça rasão, os effeitos d'essa condemnação, embora muito remotos, são tão beneficos, que atraz do trovão e do relampago da justiça não podemos deixar de ver a luz clara e serena da bondade divina. Vibrando o raio da sua colera, Deos atirou ao mesmo tempo o balsamo da misericordia.

« Tú comerás o pão, diz Esquirós, que estranha ameaça; o pão é a primeira conquista da agricultura, é a nutrição que separa os povos selvagens dos povos civilisados.

Conhece-se a bella e physiologica observação de Homero, que fallando de uma raça má e degradada a designa por estas unicas palavras: « Ella não comia pão. »

A natureza primitiva devia rir-se de escarneo vendo esse ente fragil e nú, que o mais leve sopro de vento deitava por terra, que a menor pedra era capaz de esmagar querendo lutar com suas matas virgens, suas montanhas gigantes, seus rios caudalosos, seus monstros destruidores.

O polytheismo consagrou esse grandioso começo de luta em algumas legendas de uma inquestionavel sublimidade; entre as quaes mencionaremos as façanhas de Hercules, a revolta dos Titans e o roubo do fogo sagrado por Prometheu.

A construcção da torre de Babel entre os Hebreus tem ainda por origem o mesmo facto.

Em todas estas legendas vê-se sempre a força da natureza procurando esmagar o esforço heroico do trabalho.

Hercules, queimando-se na fogueira erguida por suas proprias mãos, é o symbolo do desespero dos primeiros homens ante as barreiras colossaes que lhes oppunha a natureza; os titans são esmagados pelas montanhas por elles accumuladas para escalar o céo, Prometheu vê constantemente um abutre insaciavel devorar-lhe o figado negro, e os edificadores da torre de Babel são dispersados pelo mundo sem familia e sem patria, como uma poeira animada.

A humanidade, como Jacob, tinha de vencer deixando alguns dos seus membros nas urzes do caminho.

A lei natural que subordinou o mundo material á intelligencia do homem, tinha, porem, de ser realisada.

Collocando no coração do homem o instincto do trabalho Deus entregou em suas mãos a solução do problema do seu futuro.

VII

*Un dieu du joug du mal a delivré le monde,
Parmi les opprimés il vint prendre son rang.
Rois! en vœux fraternels sa parole est seconde,
Peuple! il fut pauvre, humble et souffrant.*

VICTOR HUGO.

Não entra em nosso plano descrever os diferentes estados por que passou a humanidade, antes de se formarem as sociedades civis.

A este respeito sómente diremos, que nos parece demonstrado ter sido o homem, depois do peccado original, primeiro caçador, depois pastor e finalmente agricola.

O segundo d'estes estados traduz um immenso progresso sobre o primeiro, e o terceiro sobre o segundo.

Ninguém ignora que a primeira escravidão que o homem experimentou foi a da fome; e cada um d'estes estados é uma nova e mais ampla carta de liberdade.

Libertando-se pouco á pouco da obsessão continua dos cuidados da alimentação elle foi erguendo progressivamente o seu pensamento; porque não é contestavel que cada augmento de descanso para o corpo reverte em augmento de actividade para a intelligencia.

Não pretendemos fazer um minucioso estudo historico—Da historia antiga e da moderna apenas descreveremos em traços ligeiros o que tiver rela-

ção immediata com o assumpto que desenvolvemos.

Conhece-se a organização fundamental das sociedades antigas.

Terminada ou agorentada a conquista da natureza, começou a conquista monstruosa do homem pelo homem.

O espirito odiento d'esses tempos, o desprezo profundo de uma parte da humanidade á outra parte desenha-se no cruel costume espartano de collocar-se um ilota embriagado nos philtias, como então se denominavam os jantares publicos, para inspirar aos mancebos o gosto da sobriedade.

Sabe-se como os Romanos tratavam os miseraveis escravos. Nada diremos sobre este assumpto magistralmente esgotado pela penna eloquente de Troplong, no seu opusculo—Influencia do Christianismo sobre o direito civil dos Romanos.—Ahi são descriptos da maneira a mais profunda os tormentos d'essa massa de homens convertidos em brutos, d'esse ignobil alimento para moreias ou para as feras no circo, d'esses seres com physionomia humana, em quem os ferros tinham até apagado a intelligencia.

Sómente procuraremos por em relevo um resultado da lei imprescriptivel que faz sahir a liberdade do trabalho.

Em Roma os escravos não tinham nome. Para que, si não existiam, si eram *capiti diminuti*, isto é, mortos diante da lei?! Eram conhecidos por classes; medicos, cirurgiões, pharmaceuticos, cosi-

nheiros etc: por um requinte de crueldade instruíam-se os escravos, como se aperfeiçoam instrumentos, para se os vender mais caros. Crasso fazia n'isto consistir a sua mais lucrativa industria.

Mas este meio não era sem perigos; a luz da sciencia penetrando nos cubiculos dos escravos era capaz de fundir-lhes os ferros. Eruditos e escravos; que antinomia! como conciliar o inconciliavel? Nada mais simples; passava-se-lhes a esponja sobre as consciencias, e de homens eram convertidos em machinas pensantes. O menos que se perde nos ferros, disse um escriptor notavel, é a liberdade.

Esses escravos recebiam todos os dias o alimento indispensavel para viverem, e em certos dias marcados, nem antes nem depois, eram-lhes distribuidos alguns dinheiros.

Era d'esta diminuta distribuição e do que podiam haver do trabalho de alguns momentos, á mêdo subtrahidos á vigilancia suspeitosa dos seus verdugos, que elles, roubando ás suas necessidades, sufocando o grito pungente e imperioso da fome, conseguiam algumas vezes reunir um pequeno peculio, com que resgatavam um bem que Deos lhes dera e de que os homens os privaram!

Felizes quando o senhor inhumano não repellia com desprezo esse fructo suado da economia, do trabalho e do soffrimento, e não preferia mandalos experimentar no circo a rigidez dos dentes dos leões, ou a agudeza das espadas dos gladiadores, para fornecerem-lhe um momento de prazer tigrino; felizes quando, minados pelas privações não

expiravam, tristes martyres da liberdade, antes de terem accumulado a somma necessaria.

A associação das ideias provoca uma aproximação dolorosa. Como Brasileiro a mão nos treme ao escrevermos estas palavras, porque nos parece estarmos arremessando uma affronta á face da nossa Patria.

Entre nós não ha circos, não ha leões, não ha moreias que se alimentem de carne humana. Sim, mas ha escravos.

Entre nós o escravo tem um nome, um só, é verdade, mas tem; o senhor não tem o direito de mata-lo—o *jus vitæ et necis*, o codigo criminal o pune, e n'este ponto equipara o escravo ao homem livre; não tem mesmo o direito de castiga-lo se não moderadamente; a lei ergue-o á dignidade de—quasi pessoa.

E' verdade: mas de que lhe servem todas estas concessões si o pobre homem é escravo; si esta ideia com todos os seus horrores lhe pesa sobre o coração como uma barra de chumbo? si não tem patria, por que sua patria é o lugar em que reside seu senhor; si não tem familia, si póde ser batido, insultado e nem mesmo tem o direito de queixar-se; si a apreciação do que lhe deram torna-lhe mais pungente a dôr do que lhe falta?! Em uma palavra, si é escravo?

E diremos mesmo, bem que nos pese, ha ainda entre nós senhores, que imitando essa feroz industria dos Romanos, educam seus escravos, fazem-

nos alfaiates, pedreiros, carpinteiros, etc. para os venderem mais caros, como si entre nós e esse povo cruel a Cruz de Jesus-Christo não tivesse cavado um abysmo!

Não são estes, sem duvida, titulos de gloria, que possamos apresentar no congresso das nações. Os esforços dos nossos estadistas devem convergir para cancellar esta sombra que empana o brilho da nossa historia, e que nos faz viver corridos de vergonha ante os outros paizes civilisados.

Voltemos aos Romanos.

Bem se vê que esse monstruoso estado de coisas era apenas a gestação laboriosa do futuro.

Era necessario, para que de um só golpe se pudesse fazer ruir por terra aquella sociedade firmada sobre bases tão falsas, que se erguesse um colosso que a contivesse toda inteira dentro do seu seio, e que cahindo, depois de infringida a lei das proporções naturaes, desse lugar ao apparecimento de uma nova sociedade, a qual, como a phenix egypcia, surgisse das suas ruinas.

O imperio romano foi destinado á esta missão fatal.

Na sorte das nações, como dos individuos, entra tantas vezes o imprevisto e mesmo o illogico segundo as inducções mesquinhas da nossa philosophia, que, á não acreditarmos firmemente na Providencia nos julgariamos movidos pelo jogo disequilibrado do acaso. Quem poderá prever o que serão amanhã essas nações que hoje espantam o mundo com seu fausto e poderio? O que diriam os des-

cedentes dos antigos republicanos de Roma, que tinham possuído o título inquestionável de dominadores da terra, quando viram desabar esse monstro, que tinha abrangido e comprimido os povos conhecidos com o círculo de ferro de suas legiões inexpugnáveis, e lembraram-se, si nas suas almas de escravos ainda restava a memória, de que esses francos, burgonhezes, wisigodos e saxônicos, que os manietavam com seus ferros e esmagavam com seu despreso, eram aquelles mesmos homens que em falta de outro nome os seus antepassados denominavam—barbaros?

Todavia, tanto quanto podemos julgar com os principios politicos actualmente recebidos, parece-nos que o desaparecimento total de uma nação da face da terra é hoje um facto impossivel: as nações estão no seculo presente tão concatenadas pelas leis grandiosas da solidariedade universal, que por sua vez vão buscar força no trabalho, que o desaparecimento de uma só causaria um abalo universal. O aniquilamento da Grecia, de Roma e de outros paizes, que faziam da conquista e da pilhagem sua principal fonte de receita, será considerado providencial si se attender á que só o trabalho consolida as nações, interessando as outras pela sua estabilidade.

Uma economia social fundada sobre a injustiça provoca reacções que acabam por desmorona-la.

Não nos seduz, comtudo, o espirito de *systema* á ponto de avançarmos que no mundo antigo vivia-se sem trabalhar.

Mas como vivia-se?

Já erguemos uma ponta d'este véo nas poucas palavras que escrevemos á respeito da escravidão em Roma.

E' difficil á nós, que recebemos um ráio d'essa luz emanada do Calvario, que sentimos cahir sobre as nossas cabeças algumas gotas d'esse sangue purificador, que se vae estendendo por sobre toda a terra, penetrar n'esse tenebroso inferno de Dante, n'esse oceano de lagrimas, n'esse offegar no soffrimento. Era sempre o homem convertido em carcereiro ou carrasco do homem, era uma parte da humanidade procurando esmagar a outra parte.

E, o que é ainda mais horroso, as crenças religiosas auctorisavam a oppressão—Na religião Jupiter e Prometheu, os deoses e os titans; nas sociedades o cidadão e o ilota, os patricios e os plebeos, o senhor e o escravo.

N'essa anomala organização social havia uma parte da humanidade para quem era sempre noite.

Todavia vemos apparecer, imperfeito embora, o espectáculo da liberdade em alguns dos povos antigos, como em Cartago e no Egypto, e sempre essa liberdade ia buscar sua origem no trabalho.

O trabalho é eminentemente humanitario e tende á expandir-se, porque em seu seio está a luz, e a luz, é do Evangelho, não pode ficar encerrada dentro da medida.

Cartago dominou o mundo, não com as armas, a isso a provocaram depois e foi a causa da sua

ruína, mas com o seu commercio e a sua industria.

A historia do começo, elevação e decadencia d'esse grande povo é muito conhecida para nos demorarmos sobre ella; vê-se ahi o que podem fazer o patriotismo e os recursos do trabalho contra a força das armas e a sêde das conquistas; e para que n'esse duello titanico o exercito romano ganhasse a primazia foi necessario que Roma tivesse um Scipião para oppor á Cartago que possuia um Annibal.

O Egypto era então o paiz da agricultura, o celeiro do mundo; e foi por isso que á elle devêo a humanidade as suas maiores invenções; o trigo conquista do corpo sobre a fome, o linho conquista do corpo sobre o clima, o papel conquista do pensamento sobre o espaço e sobre o tempo. E' por estes titulos que o nome d'esse, povo que fazia do trabalho um culto, pode ainda hoje pretender a veneração.

Do trabalho nascêo a sciencia e esta é o primeiro agente da liberdade.

O Nylo em um dia certo entumecia-se e derramava suas aguas opulentas por sobre os lugares havia pouco cobertos de vegetação.

Era necessario que já estivesse enceleirada a colheita.

Depois tambem em um dia certo retirava-se, deixando em sua passagem a uberdade e a vida.

Como antever com segurança, os dias em que

transbordava e se retirava esse rio fecundo, de que em seu reconhecimento os Egypcios fizeram um Deus? Elles solveram a difficuldade inventando a astronomia.

A primeira producção do trabalho é a descriminação do teu e do meu, a consagração da propriedade, a proclamação do direito. Mas como estabelecer marcos fixos n'esse terreno constantemente mudavel e que o transito da torrente convertia em taboa rasa?

A difficuldade parecia invencivel; elles a affastaram inventando a geometria.

O trabalho agricola traz como consequencia o conhecimento das plantas, a distincção da planta util da inutil ou prejudicial.

D'ahi a botanica, e esta produzio a medicina.

O trabalho traz consigo a economia e esta a propriedade, que por sua vez gera a meditação—O homem sobre cujo coração não pesa mais a perspectiva do dia de amanhã, dobra sua intelligencia sobre si mesmo, recorda o seu passado e pensa no seu futuro, e collocando em face do seu pensamento estas trez questões que contem a solução do problema da sua vida « de onde veio? o que veio fazer? qual é o seu destino? » responde-lhes procurando dar a rasão do lugar que occupa á luz do sol.

D'esta meditação nascêo a philosophia.

Cada uma d'estas quatro grandes invenções é um artigo de mais na carta constitucional da humanidade.

Bem se vê; o trabalho foi a fonte da sciencia, a sciencia é a base da liberdade, e os Egypcios foram o povo do trabalho.

Conta a historia que Osymandias, rei do Egypto, foi o primeiro que creou uma bibliotheca, á qual dêo o titulo de « thesouro dos remedios da alma. » O que se poderia dizer actualmente de mais expressivo? A ignorancia é a peor, a mais perigosa das molestias do espirito, porque é tambem a peor e a mais pesada das escravidões.

VIII

*Le Peuple, c'étaient jadis les plébéiens
au moyen age, les serfs, les vilains, les
manants, les bourgeois, aujourd'hui, le
Peuple c'est tout le monde.*

E. DUCLERC.

A população romana subjugada pelas enormes avalanches de barbaros, que o Norte vomitava incessantemente sobre o cadaver do Imperio em dissolução, tornou-se quasi toda agricola.

O resto deixou-se viver nas cidades municipaes essa vida pallida e ingloria que os barbaros lhe consentiam.

Ha um factio curioso a observar-se na historia de todas as invasões: é que as populações violentamente despojadas de seus lares e propriedades, derramam-se instinctivamente pelos campos á pedi-

rem á terra uma compensação dos bens de que as privaram os invasores. O povo reconhece, por uma intuição espontanea, que, novo Antheo, só tocando na terra póde recuperar as forças perdidas, e reerguer-se mais forte e mais robusto.

A invasão dos barbaros, deitando por terra a mole do imperio romano, forçou a applicarem-se á agricultura esses braços que nada mais tinham que ver com o broquel e com a espada; e, por um escarneo acerbo do destino, os antigos dominadores do mundo, que tinham recusado pão e agua aos outros habitantes do globo, foram implorar de seus barbaros senhores algumas gotas d'essa mesma agua e algumas braças d'essa mesma terra, que estes lhes deixaram por compaixão ou desprezo.

Contam os historiadores que havia no Egypto um idolo monstruoso que tinha o nome de Serapis. — Era crença popular que o mundo se desfaria como pó no espaço no dia em que o idolo desabasse, e que o seu menor abalo iria repercutir sobre os extremos do orbe.

O triumpho do Christianismo deitou por terra o idolo gigante; o machado da reacção despedaçou a madeira, á que a superstição popular julgava presos os destinos do mundo, e os Egypcios espantados viram que o globo continuava a girar sobre o seu eixo, e que em vez dos raios e trovões que esperavam, sahio da cabeça decepada do idolo um ninho de animaes immundos.

O mesmo succedêo com o imperio romano; os proprios barbaros votavam um terror supersticioso á

essa nação monstruosa, que aturdia o mundo com o tropel de suas legiões, e receiavam que uma revolução se produzisse no globo no dia em que desabasse: mas ficaram surprehendidos, quando ao tombar desse immenso colosso, viram que estava vazio, e que os vicios, como um ninho de animaes immundos, o tinham inteiramente minado.

Depois da luta da invasão, isto é, depois da anarchia revolta, tumultuosa, veio o feudalismo, isto é, a anarchia organizada.

Cada um dos chefes barbaros, momentaneamente ligados para a conquista, procurava constituir-se independente sobre um membro decepado do Imperio.

Não cabe em nosso plano acompanhar em suas peripecias o espirito de reconstrução que pairava sobre esses elementos esparsos, nem a luta empenhada entre a tendencia monarchica dos chefes que tinham capitaneado a invasão, e o desejo de independencia que actuava sobre aquelles, que, em bem da conquista, se tinham sujeitado á sua direcção.

Basta que registremos um facto que assignala a transição do mundo antigo para o mundo novo.

Na Europa da idade media, n'esse grande cadinho em ebullicão em que se agitavam confusamente tantos principios heterogeneos, vemos pouco á pouco, por uma lenta e laboriosa transformação, destacarem-se os elementos e assumir cada um a sua esphera, e posição distinctas. Seria facil colligir então, ainda que não se pudesse perscrutar os arcanos que

o cahos guardava em seu seio, que aquillo era uma epocha de passagem, e que seria impossivel com taes bases inconsistentes e mudaveis estabelecer uma ordem social, firme e duradoura.

Sejam quaes forem as origens dos diversos povos d'esses tempos, quer as fossem buscar nos indigenas dos paizes, nos romanos ou nos barbaros da invasão, o observador o mais superficial poderia induzir com segurança, que estes principios constantemente em luta—monarchia—aristocracia—clero—burguezia e servos—eram incompativeis, e que a luta devia terminar por serem uns supplantados pelos outros.

A sociedade estava dividida em duas classes; essas duas classes extremadas que vimos na sociedade antiga, e que nos apparecem de novo na idade media—os que gosavam e os que soffriam.

De um lado a nobresa e o clero; do outro a burguezia e os servos—Mas com a segunda estava a força porque estava o trabalho; com a outra estava a fraqueza, porque estava o goso na ociosidade que enerva, no luxo insolente que corrompe, na abundancia profusa que sacia.

A usurpação e as rapinas dos nobres e do clero produziram por vezes o desprezo da liberdade; os homens do trabalho começaram á depreciar um bem que de nada lhes servia.

Para que trabalhem, si os fructos do seu suor eram para o barão que, como um abutre, morava no castello sobre a montanha, ou para pagar di-

zimos e premissas á Igreja, que se avistava lá ao longe?!

D'ahi a preguiça, a indigencia e a servidão; porque o homem na miseria aceitava os ferros si viessem acompanhados de uma migalha de pão.

A historia nos mostra que os primeiros actos de submissão voluntaria foram inspirados pela fome, e isto se revela pela formula por que na meia idade os homens empenhavam sua liberdade aos outros « Como é bem conhecido de todos que eu não tenho com que me nutrir nem me vestir faço um appello á vossa generosidade; por consequencia, e tal é a minha vontade, empenho-me á bem merecer de vós; tereis por vossa parte de me ajudar com viveres e vestidos. Emquanto eu viver vos verei, mesmo permanecendo na ordem dos homens livres, obediencia e fidelidade inteira, mas não terei o poder de me subtrahir á vossa autoridade.» Vos o ouvis, exclama eloquentemente Esquirós, a miseria foi na origem a cadeia da escravidão voluntaria, como ainda o é actualmente para essas pobres creaturas, que vencidas pelas necessidades se empenham nos laços do vicio, renunciam á sua liberdade, á sua honra de mulher.

O clero antigo; depois de ter contribuido por suas extorsões para dar corpo á miseria, inventou um meio detestavel de extingui-la—a esmola.

Ainda n'isto encheram os seus accusadores um pensamento machiavelico, e jesuitico; segundo elles o machiavelismo e o jesuitismo são mais antigos do que se pensa. Pretendem que o clero inventou

a esmola para ter uma milicia organizada, para ter a mão nas consciencias de todos sobre quem estendesse o *manto da caridade*.

Nós enchergaremos ahi apenas um erro de apreciação economica.

Para a economia politica do tempo, o meio mais simples de extinguir o pauperismo, que assumio logo proporções colossaes e aterradoras, era quem tinha de mais dar o excesso á quem tinha de menos.

Não que a Igreja approvasse a ociosidade e o parasitismo; pelo contrario. « Aquelles que não querem trabalhar, disse um concilio, abrigam sua preguiça atraz de uma falsa e má interpretação da palavra de Christo, quando diz: não vos inquieteis das necessidades da vida material, não vos preoccupéis de saber o como comereis; como si não fosse mister que os christãos se applicassem á cultivar a terra e a trabalhar.—E' pelo contrario Deus que dá o augmento e o fructo ao trabalho do homem. »

Admittindo-se mesmo a lealdade do systema clerical, a sciencia moderna tem reprovado os impulsos d'essa mal applicada caridade.

O Christianismo veio nobilitar o homem, a esmola vinha rebaixa-lo.

Aquelle que sem corar estender a mão para receber o obolo que n'ella se deposita, terá descido alguns grãos na escala da dignidade humana.

Não reprovamos a esmola absolutamente, mas só a legitimamos para aquelles, á quem os annos ou as enfermidades tiverem tolhido o recurso do trabalho.

Para estes no Evangelho está o remedio ; a mão esquerda não deve saber o que dá a direita.

A verdadeira caridade tem tantos meios de velar-se, tantos recursos delicados para subtrahir-se ao reconhecimento, que aquelle que recebe, orando á Deos por seu bemfeitor desconhecido, não terá quem lhe faça subir ás faces o rubor.

Leve-se o consolo ao leito do enfermo, sacie-se a fome do desvalido, cubra-se a nudez vergonhoza do indigente, mas salve-se a dignidade humana, a *ratio vivendi*. E' esta a primeira lei.

Emquanto a oppressão e a expolição se ostentavam na meia idade em todo o seu furor, o trabalho ia lentamente produzindo seus effeitos.

Aquelles que tinham podido, com privações e fadigas, reunir um pequeno capital, acolhiam-se ás cidades, onde um resto das antigas liberdades municipaes os punha mais á salvo das garras dos abutres.

Foi lá que surgiu um phenomeno espantoso. No seculo 12 um grito repercutio ao mesmo tempo em muitas cidades—façamos communa—Grito detestavel, segundo os escriptores do tempo, que subtrahia os governados ao dominio dos seus legitimos senhores.

Era o trabalho que ia fazer saltar a faisca da liberdade—a propriedade exigia garantias, começava a fazer-se a luz.

Alguns attribuem o estabelecimento das communas á Philippe o Bello ; foi segundo elles o resulta-

do de pequenas e mesquinhas lutas entre o monarca e os nobres; a monarchia apoiava-se no povo para supplantar a nobreza.

Illusão! a historia desmente este systema que prende effeitos immensos á causas insignificantes.

A liberdade, como já dissemos, tem o seu periodo fatal de apparecimento, e este é sempre preparado pelo trabalho, pela propriedade—pela associação.—Foi assim na revolução da America do Norte, na revolução Franceza e na Independencia do Brazil. Todos os calculos do despotismo para soffocar o apparecimento inevitavel da liberdade esbooram-se contra a logica dos acontecimentos—Suffocae, si podeis, uma erupção do Vesuvio.

Tratando do estabelecimento das communas, diz ainda Esquirós: « Não quero transportar para o seculo 12 nossos votos e nossas preoccupações modernas, mas é difficil não ver no movimento das communas a origem da guerra entre o capital e o trabalho. O capital era representado nas cidades pelo clero e pelos nobres, o trabalho era representado pelos mercadores, os fabricantes, os artistas.»

O illustre escriptor se engana.

Em vez de encherar ahi uma luta entre o capital e o trabalho, luta que os verdadeiros principios economicos teem demonstrado ser imaginaria, a philosophia da historia encherará uma luta mais natural e definida entre o trabalho productivo e o parasitismo; entre os industriosos, essas abelhas fa-

bricadoras da colmeia social, e os homens do privilegio, esses zangãos ociosos, que se alimentam dos fructos do trabalho alheio.

As revoluções antigas não projectavam suas consequencias alem das raias das nações em que se produziam; expellia-se um tyranno, substituia-se um governo por outro, mas os effeitos moraes d'essa transição iam expirar nas fronteiras dos paizes; as revoluções modernas teem um effeito essencialmente humanitario; o liquido effervescente transvasa na caldeira; conte-lo não está nos limites do poder humano.

Creemos que ha para isto uma explicação natural.

As nações antigas, isoladas, concentradas n'esse egoismo que resumia a politica internacional de out'ora, não podia expandir sua acção moral alem dos seus limites territoriaes.—As nações modernas, pelo contrario, presas pelos laços da solidariedade universal, não podem deixar de sentir uma repercussão electrica de qualquer acontecimento por que uma só é abalada.

Deixando de lado a revolução dos Hebreus no Egypto, sobre a qual falham todos os calculos da razão humana, as duas maiores revoluções de que nos falla a historia antiga foram a expulsão de Hyppias em Athenas e a dos Tarquinius em Roma.

Como se fizeram estas revoluções ?

Um dia os Athenienses fatigados de supportar as

pequenas furias do tyranno, recordando-se de que o sangue de Harmodius e Aristogiton reclamava vingança—declararam mudada a forma de governo.—Não passou d'ahi.

Procure embora Chateaubriand em sua obra—Ensaio sobre as revoluções antigas—aliás por elle mesmo refutada depois, encherger n'este facto a origem de todas as revoluções posteriores, a philosophia da historia o considerará sempre como um acontecimento isolado, que nenhuma consequencia teve no mundo.

A expulsão dos Tarquinius foi igualmente sem consequencias no exterior.

O rei estava no exercito.—Lucrecia infamemente violada por Sexto Tarquinio, filho do rei, suicidou-se, e Bruto, um louco, um truão da realeza, como então o chamavam, apanhou o punhal ensanguentado e soltou o grito da liberdade.—O rei estava depositado; e quando correu a çodado á defender um throno, que já não existia, encontrou fechada a porta da cidade e uma voz disse-lhe de dentro: ide-vos, não temos mais reis.

Não passou d'isto a revolução, e excepto Roma, tudo o mais ficou inalterado.

Na historia moderna tudo muda de face. A revolução da Inglaterra, a revolução da Suecia por Gustavo Wasa, a revolução dos Estados Unidos da America, e finalmente a grande hecatombe da revolução franceza, todos sabem os effeitos immensos que produziram dentro e fóra dos paizes em que se effectuaram.

E ha ainda um caracter especial á historia moderna—relativamente ás revoluções.

Está demonstrado que os seus effeitos Moraes estão sempre na rasão do seu trabalho e sacrificios.

As revoluções antigas, que não consistiam muitas vezes senão na mudança superficial da forma de governo, não custavam senão a morte de poucas victimas: eram Harmodius, Aristogiton, Leena e poucos mais em Athenas; Lucrecia e Virginia em Roma.

Quem póde olhar sem um estremecimento doloroso para essas paginas em que são descriptas as revoluções modernas?

Quanto sangue não custou a revolução das communas, a da Inglaterra que dêo exemplo á Europa moderna de um rei levado ao cadafalso, a revolução da Suecia em que o genio de um só homem, auxiliado pela massa popular, deitou por terra duas ordens que abraçavam o paiz como dois enormes polypos—clero e nobresa—, a revolução da America, e finalmente a revolução Franceza que fez cahir na guilhotina a cabeça de um neto de S. Luiz, com um estrondo tão poderoso, diz Eugenio Pelletan, que o echo ainda retumba?

E' que essas revoluções foram mais profundas: ellas abalaram as sociedades em seus fundamentos; é que vemos ahi o povo, levantado pelo trabalho, ir subindo como um oceano irresistivel, e substituir-se á antiga organização sozial que o esmagava.

Bem se vê que não damos o nome de revoluções sociaes nem ás revoluções francezas de 1830 e 1848,

nem á revolução da independencia do Brazil; porque quanto á França ella nada conquistou, para a liberdade, os seus titulos estavam encontrados desde 1789; e quanto ao Brazil não ha quem ignore que o grito do Ypiranga, e a nossa constituição politica, glorioso e immortal padrão da civilização de que já gosavamos, não foram mais do que a repercursão necessaria de um facto consummado.

A independencia do Brazil estava de ha muito escripta na fecundidade do seu solo e na opulencia de suas produções, riquezas que a metropole usurpava, e que o absolutismo, mal aconselhado em seus interesses ensinou o paiz á apreciar, abrindo em 28 de Janeiro de 1808—os seus portos ao commercio das nações.

E' esta justamente a data da nossa independencia.

D'ahi em diante as cortes esgotarão-se em esforços impotentes para reterem um poder que lhes escapava. Pelo contacto com as outras nações do mundo o Brazil aprendeo a ter em pouca conta o poder da metropole, e sacudio sem esforço a mão extenuada desse velho, coberto de pergaminhos carcomidos de uma gloria caduca, que pretendia sufocar-lhe na garganta o grito da liberdade; e D. Pedro 1º esse principe, cujo character formava um mixto indefinivel de heroismo e pequenez, e que á par de algumas ideias liberaes nutria pronunciadas tendencias absolutistas, não teria por certo jurado a mais liberal constituição do mundo, si não visse com seu fino e perspicacia, que era impossivel voltar ao passado, e que a mão de um homem,

mesmo a sua, era impotente para fazer estacar a pedr solta da montanha.

IX

Il y a un mot, le plus beau de toute langue, parlé, le mot liberté, car ce mot représente la nature supérieure de l'homme, toute dignité, toute prospérité icibas, puisque en traversant une contrée on peut dire à coup sur en voyant la moisson ou la terre en friche: Voilà un peuple libre, ou voilà un peuple esclave.

EUGENE PELLETAN.

Tratando-se de revoluções liberaes não podemos deixar de voltar os olhos para esse paiz glorioso da Europa—A Italia !

Terra classica do heroismo e da abnegação patriótica ainda povoada da memoria dos Scevolas e dos Catões, onde todos nós que amamos o progresso e que recebemos respeitosos o seu baptismo, vimos ha pouco um espectáculo entristecedor: o espirito do passado procurando defender pé por pé o terreno em que tinha assentado os seus dominios, e as mãos tremulas e imbelles de um velho procurando fazer estacar em sua marcha o carro magestoso da liberdade; vimos o Vigario do Crucificado, do Deos que não queria reino d'este mundo, agarrando-se

em um abraço convulsivo ás grandezas da terra, ao que elle denomina Patrimonio de S. Pedro.

Patrimonio de S. Pedro ! Pobre pescador de Gennesareth, que só possuiste na vida tua, barca e tuas redes! pobre! apostolo de um Deus que nascêo em uma mangedoura, trabalhou de carpinteiro e morreu em uma cruz; de um Deus que cingio uma corôa mas foi corôa de espinhos, que empunhou um sceptro, mas foi a canna do escarneo, que teve tambem um throno, mas foi um calvario ensanguentado; mal sabias! tú que o teu successor havia de cingir trez corôas, não de espinhos mas de ouro e pedrarias, que como Gregorio 7º e Bonifacio 8º havia de calcar aos pés os reis e dispor dos thronos da terra, que havia de existir um povo infeliz, sem liberdade sem direitos, soldado eternamente ás pedras do Vaticano, e que isto se havia de fazer em teu nome, santo martyr da liberdade dos povos! e que isto se havia de appellidar teu patrimonio; o patrimonio do apostolo que não teve na terra o espaço da sua sombra e que morreu dolorosamente suspenso em uma cruz!

Haverá talvez crueza em exprimir estas verdades d'esta maneira, mas ha sinceridade.

Não sabemos repellir para os outros paizes a liberdade que tanto apreciamos no nosso; não comprehendemos como contra a lettra expressa do Evangelho se te m feito entrar no plano da Igreja, privar um povo infeliz do direito que hoje não se recusa á nenhum; o direito de dar-se uma constituição; não

sabemos como no tempo do triumpho da soberania popular se tem procurado ratificar essas doações de povos, feitas, por Pepino, que pagou ao papa Estevão 2º com o exarcado de Ravenna a usurpação da corôa da França á Childerico 3º—para o que tinha dado seu consentimento o papa Zacarias; por Carlos Magno que fez presente á Santa Sé, do Perugino e do ducado de Spoleto; por Henrique 3º—que deo-lhe o ducado de Benevente, e por Matilde, condessa da Toscana, que fez-lhe dadiva *de todos os seus bens*, isto é—dos povos sujeitos ao seu governo.

E' escusado sustentar hoje que taes doações são radicalmente nullas, e que a liberdade não se perde por prescripção.

Mas em paga da liberdade que lhes tira, dará ao menos o governo papal aos povos sobre que se estende, a riqueza, a prosperidade e a gloria?

Demos sobre este assumpto a palavra á um escriptor notavel. «A influencia de um governo theocratico, diz Malte Brun, é tão grande sobre o espirito de um povo que apesar dos traços de semelhança que se observa entre as differentes nações da Italia, a dos Estados da Igreja se apresenta sob um aspecto inteiramente particular; este Estado sob o ponto de vista politico, differe de todos os outros Estados da Europa. Com effeito uma monarchia electiva, um poder que tem por dominio a terra onde não occupa senão um ponto, e por imperio o céo de onde olha os reis como seus inferiores, não offerece um quadro digno de interesse? E si con-

siderarmos que o throno de Roma, pelo menos sob a relação espiritual, é o mais antigo throno da Europa, que a tiara papal é ornada de uma triplice corôa, que aquelle que occupa este throno, que cinge este antigo diadema se faz denominar o successor de S. Pedro, que por sua idade avançada, como por sua posição de princepe da Igreja, tem direito ás homenagens e á veneração de seus subditos, e aspira ás do mundo inteiro, não sabemos como caracterisar este poder.

E' como successor de um apostolo que elle reveste a purpura, que se orna das insignias da realleza, que tem soldados e que a justiça ministrada em seu nome pune o crime com o sangue do culpado? Os dois poderes de que está revestido não parecem contradizer-se? Assim a pompa real deveria ser acompanhada do titulo humilde de servo dos servos de Deos? E para estar acima dos reis como Vigario de Jesus Christo é necessario ser um dos mais fracos princepes da terra? »

Escutemos ainda a palavra sempre inspirada de Laménais, citado pelo mesmo autor: « Quem ama a natureza e sente suas bellezas si vio a Italia deseja tornar á ve-la; e quantos encantos atrahem ainda para este seductor paiz! Em toda parte alguma recordação illustre ou agradável; mas tambem em toda parte n'estes dias máos algum espectáculo doloroso, algum estigma de escravidão. A miseria publica se manifestando abi debaixo de mil aspectos hediondos, forma um contraste geral com

a riqueza natural do solo—Para que trabalhar mais do que exige a imperiosa e estricta necessidade, quando nada garante á cada um o fructo do seu trabalho? Preguiça, apathia, languor, ignorancia, e negligencia, eis o que impressiona á primeira vista. Esse povo que nasce, vive e morre debaixo do bastão do estrangeiro, ou á sombra da força paternal das soberanias nacionaes, como lhes apraz denominarem-se, não tendo patria senão no passado, ou em um futuro que sempre foge, crêa do céu, do ar, do goso presente e do somno uma outra patria semelhante á ultima—a do tumulo—Todos os seculos agglomerados, amontoados se atropellam sobre essa terra de ruinas—A epocha etrusca, de que subsistem notaveis monumentos liga a epocha mais antiga dos primeiros habitantes conhecidos da Italia á dos Romanos—Depois sobre os destroços amontoados pelos barbaros vencedores do Imperio, apparecem outros destroços: aqui, e á meio occulto sob os espinhos e as hervas seccas, o esqueleto de alguma aldeia, semelhante a um morto, que seus companheiros fugindo não tiveram tempo de sepultar; sobre uma ponta de rochedo, no meio d'essas austeras paysagens dos Appenninos, uma velha torre que desaba, largos lanços de parede cobertos de hera, outr'ora habitação de algum senhor feudal, onde agora, ao cahir da noite, o xofrango solta um grito lugubre—Em outros lugares, em Lucca, Pisa, Florença, Sienna, em todas as cidades que vivificaram instituições populares, laivos de uma outra grandeza decahida recordam o tempo em que livres

no seio da escravidão geral, e ricas, poderosas pela liberdade reatearam o facho extinto das artes, das sciencias e das letras. Medalhas de um seculo mais recente, soberbos palacios abandonados e desertos, principalmente junto á Roma se degradam de anno em anno, mostrando ainda atravez de suas elegantes janellas, abertas á chuva e á todos os ventos, os vestigios de um fausto que nada revive em nossas mesquinhas construcções modernas, de um luxo grandioso e delicado, de que artes diversas tinham á porfia realisado as maravilhas. »

A este quadro de desolação o que oppoem os defensores do poder temporal dos pontifices ? Respondem que a Igreja para viver, para ser independente, tem necessidade d'esse terrivel martyriologio de um povo, que as cadeias que o manietam são providenciaes, e que o Christo, que proclamou a liberdade para todo o mundo, exceptuou aquelle miseravel canto de terra !

Isto é até blasphemo.

E o que faz a França, esse povo salvador, esse povo Christo, como o denominam seus escriptores?

A França, que desvia os olhos da Polonia, da gloriosa Polonia, que lhe estende supplicante as mãos quando o brutal cosaco rasga-lhe as carnes purissimas com o infame Knout, a França que deixou trucidar a Hungria, empresta suas armas para ser suffocada a liberdade em Roma.

Confiemos no tempo e no poder do trabalho—
A Russia para subjugar a Polonia a transplanta pa

ra a Siberia; ella reconhece que um povo pode tornar a ser livre em quanto pisar a terra da Patria.

Aos romanos pelo menos não tirarão a terra, que guarda em seu seio a liberdade.

E o Evangelho, que é eterno, hade desmentir a interpretação perfida que lhe tem dado a cubiça.

Sobre isto exclamaremos com Chateaubriand: « Quando se me tiver demonstrado que o christianismo é incompativel com a liberdade, então me aproximarei com horror d'esse tumulto, em que tinha esperado achar o repouso e não o aniquilamento. »

X

Arca santa que atravessou destemida o oceano tempestuoso de nossas dissensões politicas, pacto de alliança entre a magestade real e a soberania do povo, a constituição do Imperio é no passado—gloria, no presente—fé—e no futuro—esperança.

O CONSELHEIRO JOSE' BONIFACIO.

Depois das lutas as mais acerbas, das experiencias as mais desanimadoras, da elaboração a mais difficil e ingrata, ouviu-se pronunciar no mundo essa palavra que tinha de ir perturbar o somno dos tyrannos—igualdade.

Vio-se o povo, pretenção exquisita ! querer intervir no governo dos paizes, em que os nobres e os

monarchas se tinham habituado a considera-lo como uma coisa que trabalha e que paga impostos.

Essa pretensão já vem de longe, e alguns entreviram antigamente,atravez da penumbra do futuro, o brilhante papel que ao povo competeria na direcção das sociedades.

Algumas d'essas intelligencias privilegiadas, á quem Deus permite levantar uma ponta do véu que encobre os horisontes, e que nós hoje denominamos—genios—viram brilhar ainda longinqua a estrella da democracia.

E' por isso que esta palavra é antiga, e significava na Grecia governo do povo.

Mas o que era antigamente o povo ? uma porção de eleitos ociosos que discutiam as questões politicas nas praças publicas, em quanto infelizes trabalhavam para sustenta-los.

Não é esta a democracia que reconhecemos hoje.

Em Athenas,onde o espectaculo das desigualdades sociaes era mais revoltante, Socrates, o pae da Philosophia, proclamou um principio sublime, que só nos tempos modernos vimos praticado—« Notae com effeito,disse elle, o que succederia si na escolha do piloto se tivesse unicamente em vista o que elle possui, e si o pobre ainda que fosse mais habilitado não se podesse aproximar do leme—Os navios seriam muito mal governados—Não aconteceria o mesmo com o Estado ? »

A reflexão do philosopho antigo—estabelecendo em meio aos erros politicos do seu tempo, esta ver-

dade que a sciencia moderna não repudia, despertamos uma analogia.

Conta a historia que Colombo ao voltar da descoberta da America, vendo-se ameaçado por uma horrorosa tormenta na altura das ilhas dos Açores escreveu a noticia do Novo Mundo, e hermeticamente fechada em alguns tonneis confiou-a ao capricho das ondas.

O genio entregava ao futuro o seu immenso thesouro.

Não vos parece semelhante esse genio antigo, cercado de desigualdades e preconceitos que enfeixavam a sociedade em que vivia, atirando em um oceano de erros esse principio fecundo, que só muitos seculos depois tinha de ser comprehendido e praticado ?

Os genios são antecipações do futuro ; veem a luz ao longe quando em torno d'elles só ha trevas.

Morrem quasi sempre victimas das suas descobertas. Mas que lhes importam a cicuta, a fogueira, o carcere, si sua missão está cumprida ? Riem-se d'elles como Colombo zombava da vagas encapelladas. A verdade não póde mais morrer; a semente ha de germinar na terra á que foi lançada ; o vento recolheu cuidadoso o pollen sagrado que ha de fecundar a arvore do progresso.

Depois d'esse grande principio, em que o antigo sublime revolucionario proclamava o mais precioso direito de todos os cidadãos—o direito de intervirem no governo do seu paiz, sem outra differença que não a procedente das qualidades pessoaes—

venham ainda dizer que foram os philosophos do seculo 18, que descobriram os titulos dos direitos politicos do povo !

Em lugar de pararmos em Voltaire e em Rousseau, nos que desfructamos os immensos beneficios da egualdade, subamos mais no tempo, e curvemo-nos respeitosos diante da memoria veneranda do martyr grego.

A nossa constituição, filha da revolução franceza, proclamou, e não podia deixar de proclamar solemnemente, o principio da egualdade.

O molde já estava preparado. O trabalho e o commercio já tinham produzido seus effeitos—por isso a estatua vasou-se sem difficuldade, a ideia poude facilmente formar a lei á sua imagem.

Ha, comtudo, no nosso evangelho politico quatro artigos, que á alguns pareceram antitheticos com a promessa de egualdade que francamente consagra.

Porque garantindo-nos a constituição o direito de occuparmos todos os cargos publicos, sem outra distincção que não sejam os nossos talentos e virtudes, exige ao mesmo tempo que se tenha certa somma de renda liquida para se exercer o direito de eleger e de ser elegivel ?

Uns encherгам n'isto um odioso privilegio da propriedade, outros uma condição de independencia : nós não encherгамos ahi nenhuma das duas coisas—ha apenas uma glorificação do trabalho.

A constituição não quiz exaltar os privilegiados da fortuna, quiz exaltar os trabalhadores, erguen-

do o trabalho á uma altura immensa fazendo dimanarem d'elle os direitos politicos dos cidadãos brazileiros, e só convidando para a santa communhão da Patria, os que tiverem conquistado com o seu suor, com o martello, o escopro, ou a penna, a sua parte de eucharistia.

Onde está pois o privilegio da propriedade, si todos, mesmo os operarios, que por toda fortuna só teem a luz do sol e o seu trabalho, teem seus assentos no banquete eleitoral ?

Quereis trazer o vosso voto para a urna em que se agitam os destinos do paiz ? mostrae primeiro com que contribuis para a sociedade nacional ; qual foi o canto de terra onde deixastes o sulco do vosso arado, qual a pedra em que imprimistes o signal do vosso alvião, qual o papel em que existem os traços da vossa penna.

Aquelles que encherгам na exigencia da constituição uma condição de independencia amesquinham a intenção da nossa lei das leis.

Constituem a independencia de character uma coisa variavel ao grado da fortuna ; o homem rico hoje teria independencia e dignidade pessoal ; amanhã pobre cessaria de te-las.

A sua honra seria então accessorio do seu dinheiro.

Ainda mais. Imaginam na constituição uma tarifa de independencia avaliavel em metal : para se votar nas eleições primarias é necessaria uma independencia equivalente á duzentos mil reis de ren-

da á quatro centos para ser-se eleitor, á oitocentos para ser-se deputado, e a um conto e seis centos para ser-se senador.

Isto não merece ser analysado.

Não; a constituição não quiz amesquinhar d'esta maneira a mais elevada das qualidades do espirito—a nobreza de character. O legislador brasileiro conhecia muito bem pela experiencia e pela historia, que ha almas nobres na pobreza, assim o brilho do ouro serve muitas vezes para galvanisar corações gangrenados pela corrupção. O legislador brasileiro sabia, que a sorte de Roma esteve mais segura quando confiada á pobreza austera e virtuosa dos Cincinatos e dos Fabricios, do que á opulencia avara e devassa dos Crassos ou dos Lucullos.

A sociedade, ao passo que garante justiça á todos, distribue os seus favores conforme a entrada de cada um para o patrimonio social; isto é, segundo o valor da contribuição individual para a grandeza, gloria e prosperidade da nação.

Tudo o mais que concerne á independencia de character e ao grão de intelligencia e illustração, como os factos desmentem quasi sempre as regras absolutas, o legislador sabiamente deixou á livre apreciação da opinião publica.

XI

*This is no time to hear the song of joy,
when the mighty are to meet in battle
like the strength of the waves of Lego.
Why art thou so dark Slimora! with
all thy silent woods? No green star
trembles on thy top: no moon-beam on thy
side. But the meteors of death are there,
and the gray watry forms of ghosts.
Why art thou dark Slimora! with thy
silent woods?*

OSSIAN.

Temos algumas vezes empregado no correr d'este trabalho uma expressão, que o mundo antigo desconhecia, e que é um apanagio glorioso do moderno direito internacional:—solidariedade das nações.

Não temos necessidade de revolver as paginas da historia para pormos esta verdade á toda a luz; ella está na consciencia de todos que tiverem compulsação um pouco os fastos da humanidade.

O que era o antigo direito das gentes? Si se póde dar este nome ás antigas relações internacionaes, consistia em um ou outro tratado entre nações belligerantes para esmagarem uma nação mais fraca; tratados engenhosos em que as partes contractantes reservavam-se o direito de voltarem suas armas contra suas alliadas.

Os povos condemnavam á um odio eterno tudo o que respirava alem das suas fronteiras.

O Christianismo, substituindo no coração do homem o odio pelo amor, lançava o cimento da futura fraternidade geral.—O Evangelho, despedaçando a antiga bandeira ensanguentada do egoismo, mostrou ao mundo admirado, que essa luta ferida por tanto tempo era uma luta fratricida.

O trabalho foi o continuador do Evangelho.

A separação dos povos de que faziam timbre as gerações antigas, o isolamento feudal da idade media, e o furor das conquistas, que por milhares de annos povoou a terra de ruínas e desolação, quasi desapareceram perante a luz benefica da civilisação.

A palavra do Apostolo, que fazendo brihar nas trevas um raio de luz, ousou dizer em um seculo em que predominavam os sentimentos antisociaes « não ha judeu nem grego, todos são irmãos » só presentemente tem sido comprehendida e praticada. Os continentes uniram-se pelos laços da dependencia, pelos vehiculos do commercio e da industria; o pensamento transmittido por fios de metal vòu com a rapidez do vento, a Europa installa-se na America, que, por sua vez, pede hospitalidade á Europa—as barreiras que separavam os povos esboroam-se perante o carro luminoso do progresso, e o europêo estendendo a mão ao asiatico, e ao africano diz-lhes—meus irmãos !

Eis ahí o fructo sublime da semente atirada na terra pelo Christianismo, e que a industria se incumbio de fecundar.

Não queremos, todavia, seguindo alguns escrip-

tores, avançar que a ideia da solidariedade humana é incompatível com o sagrado sentimento patriótico.

Alguns, por excesso de orguiho, ou por desejo de celebridade, pretendem substituir a ideia santa da patria—por não sabemos que outra ideia de bronze, na phrase de Taillandier, que se denomina—humanidade.

Homo sum, exclamam com Lamartine, minha patria é o mundo, Deus não estabeleceu barreiras para o pensamento humano.

Não procuraremos entrar na apreciação philosophica d'esta opinião; a questão está deslocada; tem-se procurado envolver em um circulo de syllogismos, mais ou menos engenhosos, um assumpto, ante o qual a logica se confessa impotente, porque é do sentimento.

O que é a patria?

Uns a definem o solo em que nascemos, outros dizem que é a lei sob a qual nos habituamos á viver, para outros, finalmente, são as pessoas com quem entretivemos relações na infancia.

Todas estas definições são incompletas; a patria é tudo isso e é mais que tudo isso.

O instincto popular, mais sensato neste ponto do que os nossos raciocinios pretenciosos, accêita a verdade sem lhe procurar as raizes,

Perguntae á esses bravos que agora, como no passado, arrojam-se irresistiveis deante de uma morte provavel para vingarem a affronta do paiz, por-

que vão arriscar suas vidas, qual é o impulso que os leva á affrontar um clima rude, e os mais incomportaveis trabalhos, nenhum vos saberá responder; alguma coisa os impelle, mas, o que é ainda mais mysterioso, os impelle voluntariamente, si estas duas palavras se podem reunir; e ao mesmo tempo que escutam embevecidos a ordem imperiosa das consciencias, que lhes mandam partir, reconhecem que podiam ficar; e é isto o que exalta o sacrificio.

Contae á um homem, seja quem for, quer esteja collocado na ultima, quer na primeira classe da sociedade, que a face da patria recebeu uma bofetada, dizei-lhe que arrastaram pelo pó das ruas o pavilhão nacional, que uma parte do territorio do seu paiz, longinqua embora, mas em que haviam homens que fallavam a mesma lingua e viviam de baixo das mesmas leis, foi invadida pelo estrangeiro audaz, que deixou em sua passagem a morte e a deshonra, si este homem não sentir affoguar-se-lhe a frente, si o seu coração não pulsar impetuoso, e deante de seus olhos não passar uma nuvem de desespero e de colera, dizei que o seu coração é um coração de cadaver; Deus desviou de sobre elle os seus olhos; é-lhe impossivel a reabilitação.

A data em que escrevemos reveste esta questão do prestigio da actualidade.

Si nos perguntassem hoje, no anno de 1866, o que é a patria, o que é o patriotismo? como esse

philosopho antigo á quem negavam o movimento e que se limitou á caminhar. responderíamos com um facto :

Um dia o lavrador curvado sobre os campos férteis do Brazil, cavava descuidoso a terra para d'ella tirar o seu sustento e o de sua familia; á elle, á esse forçado da pobreza, era indifferente o movimento do mundo, o torvelinhar das nossas pequenas paixões politicas, o como se resolveria o vasto e intrincado problema da fixação das despesas publicas e da repartição da contribuição directa; chegou-lhe, porem, subitamente aos ouvidos um ruido estranho; corria a noticia de que um brasileiro tinha sido açoutado vilmente em terra estrangeira, e de que as propriedades dos brasileiros tinham sido saqueadas; o sangue subio-lhe ás faces, por todo o seu corpo correu um indizivel estremecimento, mas olhou para a mulher e para os filhos, e continuou a trabalhar triste e silencioso: eis que em outro dia chega-lhe outra noticia; o pavilhão auriverde que se ostentava garboso em um vapor brasileiro foi arreado com escarneo, a honra nacional symbolisada n'essas cores gloriosas tinham recebido um sanguinolento ultrage; elle não reflectio, não poudé mais reflectir, atirou em terra o instrumento do trabalho, e correu a lavar no sangue dos inimigos a nodoa da bandeira nacional.

Não é um devaneio, não é mesmo a historia de um homem, é a historia de muitos milhares de homens; — é a historia de quasi todos os bravos de

Riachuelo, Yatahy, Ilha da Victoria Brazileira, Itapirú e Passo da patria.

Eis o que são a patria e o patriotismo.

Refutae, si podeis, esta definição.

A solidariedade universal, que queremos, e que invocamos com os nossos votos, como garantia da tranquillidade e liberdade dos povos, não é essa que sonham os humanitarios, que viria nullificar os sentimentos mais nobres do coração humano, ampliando indefinidamente os horisontes; não é essa que viria cancellar do espirito a ideia santa da patria, deixando em seu lugar um vacuo que nada poderia preencher.

O trabalho, alimentando o commercio e a industria, concatena as nações sem nullifica-las; satisfaz as aspirações do espirito sem esmagar os sentimentos do coração.

« Si nos perguntassem, diz Chateaubriand, quaes são esses laços tão fortes por que estamos presos ao solo natal, não poderíamos responder; é talvez o sorriso de uma mãe, de um pae, de uma irmã, é talvez a recordação do velho preceptor que nos educou, dos jovens companheiros da nossa infancia; são talvez os cuidados que recebemos de uma ama, de um creado velho, parte tão essencial da casa (*domus*); emfim, são as circumstancias as mais simples, ou, si o quizerem, as mais triviaes, um cão que ladrava á noite no campo, um rouxinol que voltava todos os annos ao vergel, a torre da igreja que se sobrelevava ás arvores, o teixo do cemiterio,

o tumulto gothico; eis tudo; mas estes pequenos objectos demonstram tanto mais a realidade de uma Providencia, quanto é certo que não poderiam ser a fonte do amor da patria e das grandes virtudes que este amor faz nascer, si uma vontade suprema não tivesse assim ordenado. »

E' por isso que em todas as paginas da historia, e em todos os poemas que nos legou a antiguidade, nada nos cauza emoções mais vehementes do que a eloquencia inspirada dos escriptores e dos poetas descrevendo as tristezas da patria.—Quem poderá ler sem aperto de coração as lamentações de Jeremias, em que um povo humilhado, escravizado, geme pela bocca do seu propheta ?

« Como cobrio o Senhor de escuridade no seu furor a filha de Sião; derribou do céu á terra a inclyta de Israel, e não se lembrou do estrado de seus pés no dia da sua ira ?

Olha, Senhor, que estou attribulada, turbadas estão as minhas entranhas: conturbado está o meu coração dentro de mim mesma, por que estou cheia de amargura: de fora me mata a espada, e dentro ha uma imagem da morte. »

Para nós nem mesmo o poema de Job, em que o symbolo da paciencia no soffrimento lamenta a felicidade perdida, attinge á sublimidade d'este lyrismo.

Para que fundirmos as nações si podemos conciliar a ideia da solidariedade com a da independencia autonómica; e si o patriotismo é conciliavel com a fraternidade ?

Assim como os homens podem se amar sem cessarem de constituir individualidades distinctas, assim tambem as nações podem fraternisar sem cessarem de ser nações.

Esperemo-lo do trabalho, que ha de completar a obra do Evangelho.

CONCLUSÃO.

Temos acompanhado o trabalho em todas as suas manifestações, e temos visto, que, por uma lei imprescriptivel do destino, é sempre d'ahi, e em ultima analyse é do trabalho agricola que procede a liberdade.

Da vida do campo nasce a vida da cidade, porque é a agricultura que alimenta o commercio e a industria.

Na cidade nasce a reunião, d'ahi a opinião publica, e d'esta a democracia, porque a democracia não é mais do que a opinião publica constituida verdadeira força social.

Trez especies de escravidão teem perseguido o homem, como trez espectros, desde a formação das sociedades civis:

A escravidão das necessidades physicas.

A escravidão da ignorancia.

A escravidão politica.

Para extinguir a primeira confia-se na boa organisação do trabalho.

Os esforços dos melhores escriptores modernos tem sido consagrados á expellir da face da terra, por meio do trabalho, o phantasma da miseria, que tem constantemente pairado sobre ella. A um grande brado, solto ultimamente por um dos mais soberbos genios que o mundo tem conhecido, respondeo um sentimento sympathico em todos os corações bem formados.

O monumental romance—os miseraveis—de Victor Hugo foi um estrondoso grito de alarma contra essa chaga cancerosa, com que a humanidade tem constantemente lutado.

Victor Hugo considera a miseria em seus effeitos moraes, e sobre este assumpto cheio de trevas, de horror, e de mysterios, o luzeiro do genio projecta um brilho que patenteia a profundeza do abysmo. —Acompanhando-a em todas as suas representações, mostra-nos a miseria no homem levando-o ao crime, do qual se ergue até ao sublime da virtude pelo trabalho e pela economia; na mulher impellindo-a á prostituição e ao vicio; no menino corrompendo os sentimentos os mais heroicos, as tendencias jas mais santas, e levando-o á perdição e á morte.

Sobre esta materia parece-nos que o genio francez escreveu o *non plus ultra* das columnas do progresso.

A escravidão da ignorancia tambem teve o seu primeiro inimigo no trabalho. Só do trabalho nasce a economia, que produzindo a propriedade—

alarga os horisontes do pensamento, e faz-nos cogitar sobre o nosso destino.

Como pensar, quando os cuidados da vida absorvem todos os nossos dias, as nossas horas, os nossos minutos ?

Para que pensar no futuro, quando não se tem por certo o dia de amanhã ?

Escutemos sobre este assumpto algumas palavras eloquentes de Eugenio Pelletan: « Cada um de nós pensa sem duvida, mas não pensa igualmente, porque para o maior numero é preciso viver antes de reflectir: viver, isto é, trabalhar, lavrar, navegar, forjar, tecer, vender, comprar; coisas que occupam quasi todo o dia do trabalhador, e não lhe deixam descanso para o estudo.

Mas ao lado, e acima da massa tenebrosa, curva sobre seu labor da manhã até a noite, ha, deve haver pelo menos, uma pleiade pensante, resgatada da obrigação do trabalho manual e preposta de alguma sorte á administração da intelligencia. »

E' ainda do trabalho que nasce a força das nações, e esta é uma garantia da sua liberdade politica.

As apreciações mais exactes da sciencia moderna tem descoberto, que duas cauzas principaes podem servir de obstaculo á prosperidade economica das nações— a esterilidade do solo, e a negligencia dos habitantes; —cauzas que combinadas trariam a sua morte infallivel, e que isoladas as farão arrastar essa vida manca e ingloria, que está á distancia igual da vida e da morte.

Na escolha, todavia, d'estas duas cauzas é preferivel a pouca uberdade do solo.

A historia moderna nos offerece exemplos palpitanes do que podem a industria e a vontade inabalavel dos homens, essa alavanca de Archimedes, n'esse pequeno povo da Europa—a Hollanda, que tem conseguido dominar o mundo industrial, superando o furor das vagas e conquistando uma patria sobre o oceano; e na Inglaterra com uma população enormemente desproporcionada ás suas dimensões territoriaes, achando em si mesma recursos para alimentar a multidão de seus filhos.

Tambem em nenhum outro paiz tem a liberdade se ostentado mais radiante.

A lei do trabalho contem em si a solução do problema da grandeza do Brazil.

O que pôde ser no futuro este immenso Imperio do Cruzeiro está escripto na historia do seu progresso desde 1808, isto é, desde que começou a ter uma historia, e, ainda mais, está escripto em caracteres gigantescos n'este magestoso livro da natureza, em que a mão da industria irá todos os dias descobrindo novas e mais opulentas fontes de riqueza.

Porque não é ainda, apesar d'isto, tudo o que podia ser?

Fugimos de entrar agora n'este terreno coberto de lavas incandecentes—Os estadistas, aquelles á quem tem estado confiados os destinos da patria serão citados á responder por seus actos perante o tribunal da posteridade.

O trabalho é, pois, a fonte da liberdade. E' nelle que confiamos para erguer o nosso paiz ao estado de civilisação e prosperidade á que pode pretender, e para que, derramando luz sobre o povo, o faça comprehender os seus direitos e a magnitude das garantias que lhe promette a constituição.

Olhemos para o mundo.

Até quando o despotismo estenderá suas asas negras sobre grande parte da terra?

Era antigamente crença popular no centro da Europa, que certos homens que se julgava mortos, e que tinham sido sepultados, sabiam á noite de seus tumulos, e caminhando rapidos, mas sem ruido, iam sugar o sangue mais rubro, mais vivido dos mancebos e das donzellas: depois de fartos iam de novo deitar-se em seus sepulchros antes que raiasse o dia.

A estes monstros dava-se o nome de vampiros. Si os exhumavam viam que não estavam bem mortos, seus membros estavam quentes, seus olhos abertos e fixos, seus labios vertiam sangue—Então procuravam uma estaca bem agúda e embebiam-lhes nos corações; elles davam um grande grito, e morriam; e dahi em diante cessavam de perseguir o povo.

Houve tambem antigamente um monstro semelhante á esses de que fallamos. Chamava-se

41

despotismo. Comia carne, bebia sangue; era a besta cõr de escarlata, que tinha sete cabeças e dez cornos, do Apocalypse, era o phantasma sanguinolento, que ao clarão de uma luz baça esmagava cabeças de creanças contra a parede, de que nos falla Lamenais.

Um dia os povos fatigaram-se de soffrer; malaram ou julgaram ter morto o monstro, e o sepultaram em uma cova muito profunda.

Não vos illudæes, elle ainda está vivo; sae á noite na Russia, na Austria, na Turquia, na Italia, não importa onde, e vae rapido e sem ruido sugar o sangue o mais generoso da humanidade; aqui sangra a Polonia, alli a Hungria, acolá a Grecia e, finalmente, Roma.

Ide exhuma-lo e verificareis que não está morto; do seu corpo transuda a vida, seus olhos estão abertos e fixos, sua bocca verte golfadas de sangue. Então vêde uma estaca bem agúda e embebei-lhe, bem dentro, no coração; elle dará um grito horrendo e entrará na noite eterna.

E o dia da morte total do despotismo será a aurora da inteira liberdade dos povos.

Este resultado Deus confiou ao tempo e ao trabalho.

